

2017/11/19

Arábia Saudita. Num ponto de viragem

Alexandre Reis Rodrigues

O estatuto que a Arábia Saudita tem como importante ator internacional não se deve apenas ao facto de ser a segunda maior potência petrolífera, nem muito menos ao valor do seu PIB e à dimensão da sua população.¹ Deve-se também à sua posição, no campo religioso, como país que alberga os dois principais locais de peregrinação para os muçulmanos de todo o mundo² – Meca e Medina – e à sua relevância política no xadrez geopolítico do Médio Oriente. Não se estranhará, portanto, que se siga sempre com grande atenção o que se passa no país. Muito mais agora em que parece estar sob a influência de grandes ventos de mudança.



O que desabou como uma grande surpresa foram os acontecimentos internos de 4 de novembro, com destaque para a prisão de cerca de duzentas personalidades que pelo seu posicionamento familiar (11 príncipes) e pelas posições que ocupavam (ministros, comandante da Guarda Nacional e diretores de três cadeias de televisão, entre muitas outras figuras do regime) eram geralmente olhados como intocáveis.

Em paralelo com esta decisão, totalmente inesperada entre as monarquias do Golfo, ocorreram dois acontecimentos que não podem deixar de ser vistos no contexto regional, mais precisamente no âmbito da rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irão, um dos temas da instabilidade em que vive o Médio Oriente: 1. O disparo de um míssil balístico a partir do Iémen - presumivelmente fornecido pelo Irão aos rebeldes *Houthis* com quem a Arábia Saudita está em guerra - que teria atingido Riade, caso não tivesse sido interceptado³; 2. A resignação do Primeiro-ministro do Líbano, durante uma visita a Riade, sob circunstâncias ainda não clarificadas mas que estarão provavelmente relacionadas com movimentações de Teerão.⁴

Como irá evoluir a situação a partir daqui ninguém sabe ao certo, muito menos se atreve a prever. Admite-se que se possa estar perante um virar de página histórico na forma de fazer política no país, mas as expectativas dividem-se entre, por um lado, alguma esperança - nalguns casos aplausos - pelo esforço de modernização e democratização do país e, pelo outro, sérias apreensões sobre uma possível perturbação social interna conjugada com os efeitos imprevisíveis de uma política externa que pode desestabilizar ainda mais o Médio Oriente.

¹ Quanto ao PIB ocupa a 20ª posição entre a Holanda e a Suíça; em dimensão de população tem o lugar 41º.

² São presentemente, cerca de 1,6 mil milhões: estima-se que sejam 2,76 mil milhões em 2050.

³ A Arábia Saudita considera este disparo como um ato de guerra, merecedor de resposta ao abrigo do artigo 51º da Carta das Nações Unidas (direito de legítima defesa).

⁴ Segundo uma versão, estaria sob o risco de sofrer um atentado levado a cabo por milícias apoiadas por Teerão. Segundo outras versões, estaria detido pelas autoridades sauditas. Talvez esteja apenas a pagar o preço de ser um "peão" que ambas as partes - Teerão e Riade - tentam manobrar para seu proveito.

Há já muito que se tinha tornado evidente que a Arábia Saudita teria que enfrentar a indispensabilidade de reformas, mas a natureza do regime, avessa a mudanças, foi sempre adiando. O momento chegou com o espectro de um declínio económico e à luz da necessidade de garantir que o país estará à altura dos vários tipos de desafios que tem pela frente, com prioridade para os campos económico e social: 1. Para diversificar uma economia que gira quase em exclusivo à volta do petróleo e que começa a acusar os efeitos da baixa de preços no respetivo mercado, do conflito prolongado no Iémen e de um contrato social desenhado para manter acalmia política; 2. Para atender à pressão de uma população muito jovem mas com insuficientes oportunidades (70% abaixo dos 30 anos e 25% desempregados, número a crescer com os cerca de 35.000 que regressam todos os anos, esperançados em conseguir boas colocações, com os diplomas tirados no estrangeiro)⁵

Mohammad bin Salman (conhecido por MBS), indigitado para suceder ao atual rei, parece querer não só responder a estes desafios como posicionar o país numa trajetória externa diferente, ao tentar assumir uma postura internacional mais assertiva e adotar uma versão mais moderada do Islão, como será próprio de uma sociedade moderna.⁶ Baseia-se num plano que recebeu a designação “*Vision 2030*” e que se desenvolve em três linhas de ação; 1. Consolidar a imagem da Arábia Saudita como o coração religioso dos mundos árabe e muçulmano; 2. Firmar uma posição como centro global de investimentos; 3. Fazer do posicionamento geopolítico da Arábia Saudita o ponto central de ligação entre a Ásia, a Europa e África.

Levantam-se, no entanto algumas grandes interrogações: 1. Como reagirá a monarquia saudita à concentração de poderes num pequeno segmento da família Saud, quebrando a tradição da procura de um equilíbrio na partilha de poder entre os vários ramos? 2. Como reagirá à prisão de onze príncipes cuja detenção, embora explicada pelo combate à corrupção, terá tido em vista sobretudo remover obstáculos à ascensão e reinado de MBS? 3. Será possível implementar reformas profundas num país que tem desde sempre evitado transições abruptas e tem vivido com um sistema político cujas chefias funcionam mais sob a preocupação de manter os seus privilégios do que atuarem como líderes? 4. Que credibilidade poderá ser dada a MBS no combate à corrupção, como pessoa que, nas últimas férias em França, adquiriu a um cidadão russo, numa decisão de impulso, um iate no valor de 550 milhões de dólares? 5. Que crédito pode merecer a sua intenção de adotar uma visão moderada do islão quando na purga que levou a cabo não incluiu qualquer dos nomes mais citados no apoio financeiro ao islamismo radical no exterior do país?⁷ Existirão condições que permitam pôr de lado quase quatro décadas de apoio à versão fundamentalista do Islão (*Wahhbism*), exportada para todo o mundo, desde que, em 1979, a Casa Saud foi “acusada” internamente de não ser suficientemente islâmica?

Não obstante estas interrogações, os EUA estão perante um quadro de transformações políticas na Arábia Saudita que, a concretizar-se, vem ao encontro da evolução que há muito desejam para o país. Parte delas seria uma boa notícia para todo o mundo, como um passo no combate ao fundamentalismo islâmico,. Mas um agravamento das tensões com o Irão – que Trump parece apoiar senão mesmo incentivar – pode deitar tudo a perder. É o que mais preocupa os observadores internacionais e já levou o Presidente Macron, em visita a Riade, a deixar claro que não apoia opções drásticas no relacionamento com Teerão.

⁵ Há cerca de 200.000 a estudar no estrangeiro.

⁶ A autorização de as mulheres conduzirem automóveis é um dos sinais desta nova política.

⁷ “*Saudi Arabia: A revolution from the top?*”, Oscar Silva-Valladares